

The background of the book cover is a complex illustration. At the top left is a classical building with four columns. In the center, a white rectangular box contains the title. Below the box is a puppet with a large red nose and a worried expression, suspended by strings. To the right, a smiling man's face is partially visible. The background is filled with red arrows pointing downwards, a Bitcoin symbol, and the letters 'DE'.

ANTI- IDIOTA

PARE DE SER ENGANADO
PELO SISTEMA FINANCEIRO

Por Alexandre Bertoncello

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. POR QUE O IDIOTA INVESTE?
3. CONSEQUÊNCIAS DO INVESTIMENTO INGÊNUO
4. QUEM LUCRA COM O IDIOTA?
5. O BRASIL QUE INVESTE E APOSTA
6. TRÊS PERFIS DE INVESTIDORES
7. TAXA DE JUROS E O TRADEOFF DO INVESTIDOR
8. CONCLUSÃO – O CAMINHO ANTI-IDIOTA



INTRODUÇÃO

O que é um idiota

Segundo o dicionário idiota é uma pessoa tola, ignorante ou de inteligência limitada, frequentemente marcada por falta de juízo ou compreensão, algumas entradas também incluem conotações pejorativas ou regionais, como alguém ingênuo ou facilmente enganado. No entanto, a essência básica permanece focada na falta de discernimento.

Um "idiota" é uma figura social ou individual caracterizada por uma ingenuidade moral, intelectual ou política que o torna vulnerável ou manipulável dentro de um sistema dominado por cinismo, ambição e hipocrisia. Ele pode ser uma pessoa de bondade extrema (Dostoiévski), desprovida de sabedoria prática ou educação para navegar a polis (Aristóteles), explorada como ferramenta inconsciente por forças revolucionárias ou capitalistas (Lenin), ou marcada por uma autodepreciação cultural que o prende a ilusões e paixões (Nelson Rodrigues). Essa "idiotia" reflete tanto uma falha pessoal — a falta de pragmatismo ou consciência crítica — quanto uma condição imposta por uma sociedade corrupta, onde o "idiota" é frequentemente vítima ou catalisador de transformações, intencionalmente ou não.



POR QUE UM IDIOTA INVESTE

O "idiota", conforme delineado a partir das perspectivas de Dostoiévski, Aristóteles, Lenin e Nelson Rodrigues, manifesta uma confiança cega em instituições tradicionais que reflete sua ingenuidade moral e falta de phronesis. Em um contexto como o Brasil, esse indivíduo, tipicamente da classe média, deposita seu dinheiro em poupança ou fundos de investimento de bancos renomados, convencido de que esses entes sempre priorizam seu bem-estar. Essa crença ingênua, reminiscentemente trágica como a de Míchkin, o torna presa fácil de taxas ocultas e spreads abusivos, enquanto a influência por promessas populistas ou a mídia bem feita entre grandes instituições em influenciadores amplifica sua vulnerabilidade.

Seduzido por narrativas de ganhos rápidos em ações "milagrosas" amplamente disseminadas, ele age como um "idiota útil", apoiando esquemas que, no fundo, beneficiam especuladores ou elites, sem perceber a manipulação leninista por trás.

Além disso, o "idiota" é guiado por um investimento emocional e ilusório, ancorado no "complexo de vira-lata" de Nelson Rodrigues, onde patriotismo ou esperança o levam a apostar em estatais em crise ou "green bonds" de bancos sem fundamentos sólidos. Essa falta de planejamento e diversificação, agravada pela ausência de participação ativa na "polis" financeira descrita por Aristóteles, resulta em portfólios concentrados em um único ativo, como ações de oligopólios infladas por especulação, expondo-o a perdas catastróficas. Sua vulnerabilidade a golpes e endividamentos se intensifica nessa dinâmica, pois, movido pela boa-fé dostoiévskiana e pela falta de educação, ele recorre a empréstimos com juros exorbitantes, em CDBs ou COEs estruturados, para financiar "planos de investimento".

Assim, às vésperas do meio-dia de 2025, o "idiota" não apenas perde seu capital, mas também se afunda em dívidas, perpetuando o ciclo de exploração por um sistema que ele próprio, inconscientemente, sustenta.

QUAL A CONSEQUENCIA DO INVESTIMENTO

Considerando os investimentos feitos de forma "idiota" – marcados por confiança cega em instituições, influência por promessas populistas, investimento emocional ilusório, falta de planejamento e vulnerabilidade a golpes e endividamentos, as principais consequências para esse "idiota", especialmente no contexto brasileiro, são as seguintes:

O "idiota" sofre perdas financeiras significativas devido à falta de pesquisa e diversificação, perdendo grande parte de seu capital ao investir em ativos especulativos como criptomoedas ou ações infladas, ou em produtos bancários com baixo retorno real, como poupança com juros reais negativos, o que pode levá-lo à falência pessoal ou à incapacidade de arcar com despesas básicas em um cenário de inflação alta e instabilidade econômica.

O "idiota" enfrenta endividamento crônico ao recorrer a empréstimos com juros altos, como consignados a 30% ao ano, para financiar investimentos fraudulentos ou impulsivos, resultando em dívidas crescentes que, no Brasil atual com taxas de juros elevadas e acesso limitado a renegociação, comprometem até 50% ou mais de sua renda mensal, prendendo-o em um ciclo vicioso.

O "idiota" aumenta sua dependência de sistemas exploratórios ao confiar cegamente em bancos e promessas populistas, reforçando sua submissão a instituições que lucram com sua ingenuidade, como bancos com spreads abusivos ou governos que favorecem oligopólios, perpetuando a exploração financeira e reduzindo sua autonomia econômica.

O "idiota" experimenta perda de confiança e desilusão devido às sucessivas perdas e golpes, o que, agravado pelo "complexo de vira-lata" de Nelson Rodrigues, o leva a abandonar qualquer tentativa de investir ou engajar-se financeiramente, tornando-o apático e ainda mais suscetível a manipulações futuras.

O "idiota" sofre impacto social e familiar, com as consequências financeiras se estendendo à perda de patrimônio como casa ou carro, gerando tensões sociais, isolamento e, na classe média brasileira, até a busca por soluções desesperadas como empréstimos informais com agiotas.

O "idiota" reforça a exploração sistêmica ao agir como um "idiota útil" à la Lenin, fazendo escolhas que inconscientemente beneficiam elites como bancos, oligopólios e políticos, aproveitando-se de sua falta de educação financeira para manter o status quo, agravando a concentração de riqueza e sua exclusão da "polis" financeira conforme Aristóteles.

QUEM GANHA COM ESTE INVESTIMENTO

Bancos e Instituições Financeiras se beneficiam significativamente desse comportamento. Esses atores lucram com os altos spreads, taxas ocultas e juros exorbitantes dos empréstimos.

Em um contexto de instabilidade econômica em 2025, bancos aproveitam a poupança mal remunerada e os fundos de investimento caros oferecidos ao "idiota", que, por sua confiança cega, não questiona os termos. Essa exploração resulta em lucros expressivos para as instituições, enquanto o "idiota" vê seu capital diminuir, contribuindo para a crescente concentração de riqueza no setor financeiro.

Oligopólios e Grandes Corporações também saem ganhando com a ingenuidade do "idiota". Protegidas por políticas governamentais favoráveis, essas corporações lucram com a desinformação do "idiota", que compra ações sem análise crítica, reforçando o poder econômico dessas elites e perpetuando a dependência do indivíduo em um sistema que o explora.

Governo e Elites Políticas obtêm benefícios indiretos desse cenário. Em um Brasil polarizado em 2025, o governo lucra ao manter o "idiota" dependente de promessas populistas e políticas que favorecem aliados, como subsídios a oligopólios.

A desilusão e apatia geradas pelas perdas financeiras enfraquecem a participação política do "idiota", permitindo que as elites políticas mantenham o controle e perpetuem um sistema que beneficia os poderosos às custas da classe média ingênua.



COMO O BRASILEIRO INVESTE ?

No ano de 2024, com uma população estimada em 211 milhões de habitantes no Brasil, o cenário de investimentos reflete uma mistura de oportunidades e desafios, especialmente considerando que apenas 59 milhões de pessoas que se engajam em alguma forma de investimento.

Entre os 152 milhões brasileiros fora deste universo, temos um fenômeno novo, 31,65 milhões de indivíduos realizaram pelo menos uma aposta no ano passado, aproximadamente 15% da população! Infelizmente entre estes 31 milhões, 4,5 milhões acreditam equivocadamente que bets é uma forma legítima de investimento, enquanto 3,5 milhões são considerados viciados crônicos, acumulando dívidas significativas devido aos jogos, Além disso, 23 milhões participam de apostas de maneira social, indicando um hábito culturalmente enraizado.

Os dados financeiros reforçam a magnitude desse mercado: em 2024, as apostas movimentaram R\$ 103 bilhões nos sites oficiais, o que equivale a mais de R\$ 282 milhões por dia. Esse volume demonstra o impacto econômico das apostas, muitas vezes confundidas com investimentos por uma parcela da população, especialmente aqueles com baixa educação financeira.

Esse comportamento alinha-se com a figura do "idiota" discutida anteriormente, influenciada por promessas ilusórias, vulnerabilidade a golpes e falta de planejamento, sugerindo que uma parte significativa dos brasileiros está exposta a perdas financeiras e endividamento, enquanto o sistema de bets e outras instituições lucram com essa ingenuidade.

Dados sobre Investimentos e Apostas no Brasil em 2024

Categoria	Quantidade	Percentual da População
População Total	211 milhões	100%
Pessoas que Investem	59 milhões	28%
Pessoas que Apostam em Bets	31,65 milhões	15%
Acreditam que Bets é Investimento	4,5 milhões	21%
Viciados Crônicos	3,5 milhões	1,7%
Apostadores Sociais	23 milhões	10,9%

FALANDO DA PARTE DA POPULAÇÃO INVESTIDORA

Com base nos dados referentes a 2024, dos 59 milhões de brasileiros que se engajam em investimentos, destaca-se a diversidade de estratégias adotadas, refletindo tanto a cautela quanto a ingenuidade financeira de uma parcela da população.

Dentre esses investidores, 23,4 milhões optam pela poupança, uma escolha tradicional que, apesar de segura, oferece retornos reais frequentemente negativos devido à inflação, indicando uma confiança cega em instituições bancárias, alinhada ao perfil do "idiota" discutido anteriormente.

Outros 10 milhões preferem guardar dinheiro em casa, uma prática que reflete desconfiança no sistema financeiro, mas que também demonstra falta de planejamento e exposição a riscos como roubo ou desvalorização.

Além disso, 7,3 milhões investem em crédito privado (CDBs, LCIs, LCAs, entre outros), enquanto 5,3 milhões optam por fundos de investimento, sugerindo um interesse crescente por alternativas mais sofisticadas, embora muitas vezes mal compreendidas.

Criptoativos atraem 4,1 milhões, ações 2,8 milhões, previdências 2,3 milhões e títulos públicos via Tesouro Direto 2,5 milhões, indicando uma busca por diversificação, mas também vulnerabilidade a promessas de ganhos rápidos, especialmente no caso das criptomoedas.

Por fim, 1,3 milhões investem fora do Brasil, um grupo minoritário que pode refletir tanto sofisticação quanto especulação.

Esse perfil diversificado revela uma classe média frequentemente ingênua, suscetível a influências populistas e emocionalismos, o que beneficia bancos, oligopólios e especuladores, enquanto o "idiota" investidor enfrenta perdas ou retornos modestos.



A Tabela Desatualizada do IRPF:

Tipo de Investimento	Quantidade de Investidores	Percentual dos 59 Milhões
Poupança	23,4 milhões	39,7%
Dinheiro Guardado em Casa	10 milhões	16,9%
Crédito Privado (CDBs, LCI, LCA)	7,3 milhões	12,4%
Fundos de Investimento	5,3 milhões	9%
Criptoativos	4,1 milhões	6,9%
Ações	2,8 milhões	4,7%
Previdências	2,3 milhões	3,9%
Títulos Públicos (Tesouro Direto)	2,5 milhões	4,2%
Fora do Brasil	1,3 milhões	2,2%
Total	59 milhões	100%

Os dados referentes a 2024 revelam os principais motivos que impulsionam os 59 milhões de brasileiros a investir, refletindo tanto aspirações legítimas quanto uma falta de planejamento financeiro que ecoa o perfil do "idiota" discutido anteriormente.

O motivo mais comum, citado por 31,2% dos investidores, é a compra de um imóvel, indicando uma busca por segurança patrimonial, embora muitas vezes guiada por decisões emocionais e ilusórias, como a crença em valorização garantida.

Em segundo lugar, 19,3% investem sem destino certo, uma prática que destaca a ingenuidade e a ausência de phronesis (sabedoria prática) de Aristóteles, deixando seu capital vulnerável a perdas ou manipulações.

Outros motivos incluem a compra de um carro, apontada por 11,4% dos investidores, e a aposentadoria, com 11,2%, sugerindo uma mistura de desejos imediatistas e preocupações de longo prazo, mas frequentemente mal planejadas. Por fim, 10% dos investidores destinam recursos para viagens, refletindo um investimento emocional que prioriza experiências.



A Tabela Desatualizada do IRPF:

Motivo do Investimento	Percentual dos 59 Milhões de Investidores	Quantidade Aproximada de Investidores
Compra de um Imóvel	31,2%	18,4 milhões
Sem Destino Certo	19,3%	11,4 milhões
Compra de um Carro	11,4%	6,7 milhões
Aposentadoria	11,2%	6,6 milhões
Viagens	10%	5,9 milhões
Total	100%	59 milhões



DIVIDINDO EM TRÊS GRUPOS E DESCRREVENDO CADA UM

Grupo 1: Os que Estão Cometendo Erros: Deficitários, Apostadores e os que Guardam Dinheiro em Casa

Esse grupo, composto por deficitários, apostadores e aqueles que guardam dinheiro em casa, representa uma parcela significativa que incorre em erros financeiros devido à ingenuidade e falta de planejamento. Os deficitários, muitas vezes endividados por apostas ou investimentos impulsivos, somam 3,5 milhões de viciados crônicos em bets, que acumulam dívidas devido a sua vulnerabilidade a golpes. Os apostadores, totalizando 31,65 milhões (incluindo 4,5 milhões que confundem bets com investimento e 23 milhões de apostadores sociais), são influenciados por promessas ilusórias, perdendo R\$ 103 bilhões anuais. Já os 10 milhões que guardam dinheiro em casa, motivados por desconfiança ou falta de phronesis, expõem-se a riscos como roubo e desvalorização. Esses "idiotas", no sentido dostoiévskiano e leninista, beneficiam bancos, agiotas e esquemas fraudulentos com suas perdas e endividamentos.

DIVIDINDO EM TRÊS GRUPOS E DESCRREVENDO CADA UM

Grupo 2: Os Conservadores: Usuários de Poupança, Crédito Privado, Previdência e Imóveis

Os conservadores, que optam por investimentos tradicionais como poupança (23,4 milhões), crédito privado (7,3 milhões), previdências (2,3 milhões) e buscam comprar imóveis (18,4 milhões, ou 31,2% dos investidores), priorizam segurança e estabilidade, mas muitas vezes por confiança cega em instituições. A poupança, apesar de segura, oferece retornos reais baixos, enquanto o crédito privado e as previdências exigem maior compreensão, que nem sempre possuem. A compra de imóveis, motivada por aspirações patrimoniais, reflete um investimento emocional ilusório, suscetível a bolhas imobiliárias. Esse grupo, alinhado à ingenuidade aristotélica, sustenta bancos e o mercado imobiliário, que lucram com taxas e valorizações artificiais, enquanto os investidores enfrentam retornos modestos ou perdas a longo prazo.

DIVIDINDO EM TRÊS GRUPOS E DESCRREVENDO CADA UM

Grupo 3 – Os Sofisticados: Aplicadores em Ações, Criptoativos, Fundos e Fora do Brasil

Os conservadores, que optam por investimentos tradicionais como poupança (23,4 milhões), crédito privado (7,3 milhões), previdências (2,3 milhões) e buscam comprar imóveis (18,4 milhões, ou 31,2% dos investidores), priorizam segurança e estabilidade, mas muitas vezes por confiança cega em instituições. A poupança, apesar de segura, oferece retornos reais baixos, enquanto o crédito privado e as previdências exigem maior compreensão, que nem sempre possuem. A compra de imóveis, motivada por aspirações patrimoniais, reflete um investimento emocional ilusório, suscetível a bolhas imobiliárias. Esse grupo, alinhado à ingenuidade aristotélica, sustenta bancos e o mercado imobiliário, que lucram com taxas e valorizações artificiais, enquanto os investidores enfrentam retornos modestos ou perdas a longo prazo.

TAXA BASICA DE JUROS E O TRADEOFF DO INVESTIDOR

Todos os investimentos devem ter como base a taxa básica de juros de um país, no Brasil conhecida como Selic, é a taxa definida pelo Banco Central para orientar a política monetária, influenciando o custo do dinheiro na economia. Ela serve como referência para empréstimos, investimentos e controle da inflação, sendo ajustada para equilibrar crescimento econômico e estabilidade de preços.

O tradeoff relacionado ao custo de oportunidade refere-se à escolha entre alternativas de investimento ou consumo. Quando a taxa de juros sobe, o custo de oportunidade de gastar aumenta (já que guardar dinheiro rende mais), incentivando poupança, mas pode desacelerar investimentos. Quando cai, o custo de oportunidade de poupar sobe, estimulando consumo e investimento, mas podendo gerar inflação.

Assim, há um equilíbrio entre retorno imediato e benefícios futuros.

